

Democratizar o diploma

FERNANDO MITRE

Profissão (Jornalismo)

Nesta discussão, às vezes tediosa — embora esteja apenas começando —, às vezes excessivamente emocionalizada — embora travada entre jornalistas — e nem sempre bem conduzida — embora dela participem inteligências respeitáveis —, saltam com injustificada frequência pelo menos três equívocos.

Um: defender o fim da obrigatoriedade do diploma de jornalistas alegando má qualidade do ensino na universidade. Outro: tentar afastar da prática diária do Jornalismo, em nome de um sindicalismo estreito, especialistas em áreas fundamentais como Economia ou Ciência Política. O terceiro: desconsiderar o fato puro e simples de que o principal interessado nesta discussão e nos seus resultados práticos não é propriamente o jornalista, muito menos o dono do jornal, mas o leitor. Ou seja: a sociedade.

O primeiro equívoco (seria mesmo preciso explicar isso?) pode ser respondido facilmente: se as escolas são ruins, vamos melhorá-las, ora. Aliás, todo o sistema educacional brasileiro vem precisando de uma reforma e isso, como se sabe, inclui áreas como Medicina ou Engenharia, que, mesmo não sendo das mais precárias, estão muito longe do desejável. No caso das faculdades de Jornalismo, não

há realmente muito o que defender atualmente: das 64 existentes no país, dificilmente encontraríamos uma única que fosse satisfatória. (Lembro-me de uma passagem pela Universidade do Missouri, onde vi um jornal altamente profissional editado pelos alunos e professores. Chegaremos lá?). Lamento dizer, mas, se me pedissem, hoje, para escolher um estagiário entre um estudante de Comunicação e um, digamos, de História, eu não teria dúvidas. Acho até que, como eu, a maioria dos chefes e diretores de redação deste país escolheria o estudante de História. O que fazer? Fechar escolas, como alguns chegam a sugerir? Acabar simplesmente com a exigência do diploma, como tantos desejam? Eu não veria aí a melhor solução.

Diante do problema, parece clara a necessidade de um movimento — que poderia nascer nos sindicatos, nas redações ou na própria Universidade — visando a um aperfeiçoamento dos cursos de Jornalismo. Há, por exemplo, entre outros pontos, a inegável e crescente necessidade por parte da indústria jornalística — avançando veloz pela era da informática — de profissionais com formação técnica cada vez mais aprimorada. Não vejo outro meio de fortalecer o diploma, a não ser aperfeiçoando a escola. Ninguém daria mais pres-

tigio a um diploma de Jornalismo que um jornalista competente formado numa escola competente.

Mas, não falemos em reserva de mercado (aqui entraria o segundo equívoco), já que defendê-la nos termos em que vem sendo colocada não significa servir aos grandes interesses da sociedade (o terceiro equívoco) e sim a uma categoria profissional — o que em si poderia ser uma idéia justa mas que, no caso, acaba por ferir os propósitos maiores do Jornalismo, sem falar no sentido corporativista que contém. Não se pode discutir Medicina tendo por objetivo o interesse dos médicos. Não percamos de vista, portanto, que a sociedade é a principal interessada na prática do Jornalismo. E que essa prática é multidisciplinar, absurdamente abrangente, necessitando cada vez mais de inteligências treinadas em muitas áreas diferentes. Os temas do nosso tempo não são fáceis. Sua crescente complexidade exige repertório especializado, capacidade e instrumentais de análise, pesquisa constante. Por que, então, não defender o diploma de Jornalismo, propondo, ao mesmo tempo, a sua democratização? Se conseguíssemos isso, haveria maior concorrência entre os profissionais no mercado — o que poderia desagradar a alguns — mas fortaleceria, certamente, a qualidade do produto — o que agradaria ao leitor (ou

telespectador, ou ouvinte...), realizando o objetivo maior do Jornalismo.

Em plena era do Plano Cruzado, me parece bem próxima do ridículo a idéia de impedir que um jovem economista com vocação jornalística trabalhe normalmente numa redação. (Aliás, quando uso a palavra vocação não me refiro a nenhum sopro divino ou mágico que faria do jornalista um ser especial. Ele não chega, no entanto, a ser um operário, como alguns parecem acreditar. Voltemos ao nosso exemplo). Um curso de extensão universitária, que não precisaria durar mais de um ano, poderia dar a esse jovem economista um suporte técnico inicial, a ser complementado na prática da redação, e um diploma de jornalista. Imagino que as redações vão precisar cada vez mais de economistas, sociólogos, urbanistas etc. É sempre bom lembrar que, por maior que seja o aperfeiçoamento das escolas de Jornalismo, elas nunca poderão suprir essas áreas especializadas. E acho também que, apesar disso, com a intensificação da concorrência de qualidade, haveria uma motivação maior para o necessário e urgente aperfeiçoamento daquelas escolas.